

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH não vai a debates

Não adianta convidar, porque o candidato-presidente, Fernando Henrique Cardoso, sequer examinará a possibilidade de comparecer a debates com seus oponentes durante o primeiro turno da campanha eleitoral. Já no segundo turno, a coisa mudará de figura. FH não apenas vai como considera que, em qualquer eleição do mundo, essa é a hora boa de as idéias fluírem em saudável – e, de preferência, elevada – contraposição.

Fora isso, não há chance de o presidente da República se expor gratuitamente à condição de saco de pancadas de um plantel que, a despeito da eventual presença de políticos sérios, evidentemente não deixará de abrigar os folclóricos de sempre. Só se tivesse perdido inteiramente o juízo Fernando Henrique iria para a televisão bater boca com Enéas, por exemplo.

Na campanha que começa oficialmente no segundo semestre do ano que vem, haverá manutenção e modificação de procedimentos. O marqueteiro-mor continuará sendo Nizan Guanaes. Mas o comandante-mor dificilmente poderá ser Sérgio Motta. Pelo menos no oficial. É que, sendo ministro, está legalmente impedido de participar da campanha, e no Planalto ninguém acredita que ele se dará à vulnerabilidade de deixar o Ministério das Comunicações e ficar à mercê de toda sorte de traições.

No paralelo também será difícil que Motta consiga atuar, dado que a vigilância do adversário sobre ele será estreita, tão ou mais do que se fosse o próprio candidato. Porque Fernando Henrique dará um freio em suas andanças país a fora e procurará se movimentar o mínimo possível. Por dois motivos: não vai se meter em confusão de aliados nos estados e muito menos pretende se arriscar a eventuais impugnações por suspeita de uso da máquina.

E aí é que entra de novo o fator Sérgio Motta. Atuando – e claro que ninguém supõe que não vá atuar –, qualquer movimento fora do tom servirá de pretexto para acusações. Por exemplo: dificilmente o adversário deixará de considerar ilegal a presença do ministro numa reunião de campanha. Sem contar o risco potencial que representa o temperamento, digamos, vigoroso de Sérgio Motta.

Ele terá de tomar cuidado, é uma das conclusões em vigor no governo, para não criar situações constrangedoras

para Fernando Henrique. Até porque uma coisa é sair justa em tempos normais, outra coisa é rififi em época de campanha. Daí a preocupação de o ministro vir a se tornar o alvo predileto dos oponentes. Por uma questão de preservação pessoal, há quem avalie que ele deveria fazer um esforço para se manter discreto.

De qualquer forma, são apenas avaliações preliminares, pois o esquema político da campanha ainda não está montado. Haverá um comandante, que liderará o grupo formado pelos representantes dos partidos aliados.

O mote principal do discurso, todos concordam, terá de ser algo que remeta a expectativa do eleitor a uma esperança além da estabilização econômica. Essa já é realidade e é preciso encontrar o componente do sonho. FH considera que a peça principal de sua campanha será o seu governo, mas tem consciência de que não poderá bater na tecla do passado, só naquilo que já fez. Será preciso criar uma expectativa positiva a respeito de um segundo governo que combine com os anseios mais populares.

Não adianta, por exemplo, ficar falando em desenvolvimento, que é uma tese boa para os informados, mas significa zero aos ouvidos do povo comum da rua. E é o tema que toque direto a esses corações a palavra-chave da emoção eleitoral, o que ainda falta à campanha do presidente-candidato.

Ave, Pelé!

O ministro Édson Arantes do Nascimento está com tudo mais do que em cima junto a Fernando Henrique. A atuação de Pelé na Mangueira na visita de Bill Clinton ao morro conseguiu tirar do presidente mais que o eterno sorriso de aeromoça. Diante das cenas na TV, principalmente daquelas em que o rei pedia à criançada que aplaudisse o presidente americano, FH cedeu ao mais absoluto entusiasmo: “Isso é que é importante não para o governo, mas para o Brasil, é Pelé na Mangueira, e não no Alvorada.”

A referência diz respeito a alguns muxoxos governamentais diante da ausência do ministro que, convidado, não pôde comparecer ao jantar para Hillary e Bill Clinton no Palácio da Alvorada.

Lampreia fica

Vigorou durante algum tempo, notadamente no PFL, a versão de que o senador José Serra assumiria o Ministério das Relações Exteriores no lugar de Luís Felipe Lampreia. Não é verdade, e por dois motivos muito simples: Serra não quer e Lampreia não sai.

Se quiser mesmo concorrer à Organização Mundial de Comércio, no máximo o chanceler sairá no final de 1998. Se não for para a OMC, se Fernando Henrique ganhar a eleição e o diplomata aceitar, continuará ministro das Relações Exteriores até 2002.